

CARITE,
E
POLYDORO.
ROMANCE,
DIVIDIDO
EM QUATRO LIVROS,
POR
JOAÕ JAQUES
BARTHELEMY.



LISBOA;
NA TYPOGRAFIA HOLLANDIANA.
1819.
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.
*Vende-se em Casa do Editor F. B. O. de M.
Mechas, no Largo do Caes de Sodré, N. 3. 4.*





CARITE,
E
POLYDORO.
ROMANCE.

LIVRO I.

Em tempo que na Attica governava Egeo, era o seu Reino hum dos mais florecentes da Grecia; e seus Vassallos abundosos já se esqueciaõ dos males, que a Guerra de Minos lhes causara. Pisistrato abandonou a Corte, tanto que os seus Conselhos não foraõ precisos ao Rei. Nas ultimas discordias este Ministro havia sustentado

o Throno como seu fiel apoio, mas agora se arredava, não para gozar o repouso, que merecia, mas para deixar huma morada, onde começavaõ a avultar seus talentos, e virtudes. Para a esquerda do Pireo, a dous estadios de Athenas, se ergue huma agradável Collina, que o reconhecimento dos Povos já de muito tempo havia dedicado a Neptuno; aqui se edificou hum Templo de singular construcção, pelo gosto dos Dorienses, onde os Habitantes da Attica se juntavaõ em magotes, para dar graças aos Deos, que os honraraõ com taõ singular protecção. A Primavera neste clima floresce de continuo; as arvores nunca largaaõ seu mimoso atavio; o murmuro

-rar dos arroyos, a frescura do ar,
 e a delectosa impressãõ, que
 sente a alma ao entrar neste si-
 tio, annunciaõ hum Deos bem-
 feitor. Perto desta Collina foi
 onde Pisistrato se acoutou da
 injustiça dos Homens, e da in-
 gratidaõ de seu tempo; huma
 longa serie de reflexões o ha-
 via disposto para as affrontas
 da fortuna; ensinára-lhe a ex-
 periencia quaõ pouco se devia
 fiar na grandaõ mais bem mere-
 cida; hum senso intimo lhe dic-
 tava que não seria hum gran-
 de, bem nacer virtuoso, se a
 virtude não tivesse consigo a
 recompensa. Com a Fortuna lhe
 abataão os amigos, que a a-
 companhavaõ, e Pisistrato, que
 os vio fugir, bem advertia que
 neste retro só os Penates, e

hum filho lhe ficavaõ. Polydoro ainda era de mui tenra idade; Sostrata sua Mãi morrêra, apenas elle nasceo: e este penhor de hum correspondido affecto mais convidava o amor de Pisistrato. Já agora desprendido de outro objecto, despendia seus cuidados, ora no serviço dos Deoses, ora na creação do filho; e o mesmo homem, que nos tempos atrás havia regulado o destino de hum Reino, agora vivia satisfeito no estado de Cidadão simples. Bem perto de sua morada vivia humã viuva chamada Sterope, que havia dous mezes se retirára para esta sólidaõ, onde carpia seu marido Cherofonte, morto ás mãos de Androgeologo no começo da Guerra. Carite sua fi-

lha de 5 annos de idade já tomava parte na sua dôr, enxugava as lagrimas da Mãi, e apertando-a em seus braços ternamente lhe dizia transportada.

« Oh minha Mãi, vive para ti, e para meu Pai. » Ah! minha Filha, dizia Sterope, oxalá que os Deoses te conservem para invocares a Cherofonte, e para eu me penetrar mais, se he possivel, de huma lembrança tão terna.

A visinhança, e o infortunio, fizeram a amizade de Sterope, e Pisistrato: a piedade, filha da desgraça, e o interesse, que as virtudes inspiraõ, forão suas causas unicas; elles bem sabião que só uns com os outros pôdem dar-se os infelices; por isso entre elles se fundou

a mais sincera amizade ; huma
igual estima era o seu fundamen-
to, e huma inclinação recipro-
ca acabou de a fixar. Pisistrato
se não contava ainda fóra dos
annos de Amante, e Sterope
ainda mal entrava nelles, porém
nenhum se dava ao amor, e
antes se não quizerão ver, do
que abandonar-se a esta arrisca-
da paixão ; a despeito porém
deste designio, nada os ame-
drontava nos sentimentos, que
hum tinha pelo outro. Todos os
dias jurava Pisistrato pela me-
moria de Sostrate de permane-
cer fiel ás suas cinzas, Sterope
não havia mister juras para ab-
jurar para sempre o amor ; já
Cherofonte não existia.

Mas Carite, e Polydoro
sentiaõ que a porfia os convida-

va a ser amigos a intima uniaõ dos Pais, a conformidade nos annos, e nos gostos, e tudo em fim; ambas as familias faziaõ huma só. Pisistrato amava já a Filha de Sterope, como se fora sua Filha, e Carite não era mais querida de sua Mãi que Polydoro; Sterope se desvelava por elle, e era bem paga do seu desvelo. Esta Mãi ternamente vigiava pela sua conservação, a tempo que o moço desdobrava suas idéas, e quando a idade, e a reflexaõ pouco, e pouco amaduravaõ.

Pisistrato todos os dias lhe ensinava a celebrar os louvores dos Deoses, cantando os hymnos de Orfeo; depois lhe explicava as maravilhas da natureza, fazendo-lhe notar esta regula-

ção admiravel, que até brilha nas suas alternativas, e ás vezes tomando parte nos seus divertimentos, compunha na sua Lyra huma nova Cançoneta, que fazia dançar a ambos ao toque da sua frauta. Ditosa quietação! Carite, e Polydoro passavaõ satisfeitos, porque viviaõ juntos; e porque ainda não conheciaõ o principio da sua felicidade; elles não cuidavaõ em mais que em agradar a quem amavaõ, e ambos se aproveitavaõ estudiosos das lições de Pisistrato. Lembraõ no principio animar sua emulação, excitando os hum contra o outro; foi lembrança não seguida, pois como pudéra a rivalidade dar-se bem entre elles ambos? Cada hum se esmerava por não se vantajar ao outro.

Contentes notavaõ Sterope, e Pisistrato a inclinaçãõ de seus filhos: a idade só lhes consentia õs nomes de Irmaõ, e Irmã, mas seus Pais os guardavaõ para lhes dar em pouco tempo hum Título mais Sagrado, e sómente se esperava pelo instante, que as Leis dictavaõ.

« Respeitavel Sterope, disse hum dia Pisistrato, este nó vai a vincular para sempre a nossa uniaõ; e quando a morte vier separar-me de ti, meu filho te ficará sendo hum filho teu. » A morte! Ah! Que dizes? (volte-o Sterope.) Pois tu me has de fazer? Ainda por ventura carpireas a tua morte? A amizade como o amor será para mim tão funesta? Não: eu o não creio; se os males como os bens tam-

bem achaõ o seu termõ, nada já tenho que temer, ha muito que se acabáraõ todas as frechas da sôrte.»

Desta fôrma em cada dia mais engrossava a sua dôr e a desditosa Sterope: sempre alagada em lagrimas já naõ punha a sua dita senaõ em as derramar de contínuo; bem vezes a noite a encontrava chorando ao pé de huma arvore, onde se achava ainda, quando assomava o dia. A fembrança da felicidade passada escassamente adoga a imagem do presente infortunio. Sterope se divertia em compôr a Historia dos seus Amores com Chetofontes, e ás vezes se mettia pela espessura das florestas para lêr á sua vontade esta obra preciosa; ali

chamava em altos gritos o seu esposo infeliz; quando sua voz trememente senão amortecia com os soluços.

Hum dia, em que o acaso, e os ardores da calma tinham levado os dous filhos ao pé de huma fonte escondida, onde Sterope costumava amiudar os seus passeios, (o que elles ignoravaõ) de subito ouvirão a voz de sua Mãe; levantá-raõ-se, e hiaõ ter com ella, mas vendo que se arredava, não quizerão proseguir, que o respeito, e attençaõ os acobardava.

A cada palavra de Sterope as lagrimas humedeciaõ as faces de Carite, e Polydoro; mudos ambos se olhavaõ; o forte sentimento, que penetrava Ste-

rope, parecia que se passava aos seus corações; mas o que estes experimentavaõ já não era a impressã dolorosa, que acompanha o pezar, ao contrario era a doce emoção, que a primeira idéa dos deleites do amor nunca deixa de excitar.

Sterope estava lendo no seu livro o caso, em que o Amante a levou para o Altar, onde vio corõada a sua constancia pelo Deos do Hymeneo: a candida pintura do gosto, que tinha sentido neste momento feliz; a alegria do Amante; os juramentos tantas vezes repetidos, e que ainda agora repetia com transporte; a imagem do prazer, a quem a dôr empresta encantos, tudo isto os movia, tudo os maravilhava: já

ambas as suas mãos se tinham encontrado. Polydoro ás vezes apertava as de Carite ; hum meigo olhar , e hum sorriso brando tinham sido até então sómente os seus interpretes ; porém neste momento já elles se não conheciaõ. Polydoro atira comsigo aos braços de Carite , e violento imprime a sua boca na da Amante ; tres vezes tentou falar , mas outras tantas em seus lábios a palavra se esvaece ; a sua alma errante já mesmo não era senhora dos sentidos , e faculdades.

O prazer , que elles gozavam , os fazia mais attentos. Sterope , que os não tinha visto , continuava por diante ; o resto da narraçãõ lhe deo a saber que ainda havia bens escondidos ,

cujo uso ignoravaõ. Carite avermelhava a face, e hum occulto incendio scintillava nos olhos de Polydoro; mas subitamente qual naõ foi o seu pasmo! Carite fugia dos seus excessos, e mais se maravilhava, advertindo quanto se oppunha aos votos de Polydoro, e se perguntava a si mesma a causa desta mudança.

Como a noite vinha chegando, e Sterope se ausentou, foi-lhes preciso largarem o sitio, onde o amor, e a casualidade tinhaõ desvendado seus olhos, sem com tudo acãhar de esclarecellos. Elles caminhavaõ para casa; Polydoro em silencio caminhava de diante, e Carite de olhos baixos o seguia a passos lentos. Desde entãõ pos-

to que ella fosse para a fonte, defendia a Polydoro que a seguisse, e Polydoro se deixava ficar.

A este tempo outra vez se tinha accendido a guerra da Attica; o mesmo Androgeo, que ha tempos matára n'hum combate o Esposo de Sterope, com formidavel exercito punha Athenas em assedio; e esta desafortunada Cidade em pouco tempo careceo de acceitar huma paz vergonhosa, e ainda mais cruel que a guerra.

Abrigado das dissensões Pisistrato com sua familia, seguro passava os dias no abrigo, que a innocencia dá, e que só gozaõ os que vivem na obscuridade; elle tomava em passatempo, e regozijo a educaçãõ de seus filhos. B

Já vinha chegando o tempo, em que o hymeneo devia prender os Amantes; o dia seguinte ás festas de Neptuno era o aprazado para a voda nupcial; todos o esperavaõ com ardente impaciencia. Pisistrato achava neste casamento o apoio, e consolação de sua idade cansada. Sterope sentia rebentarem de novo estas involuntarias emoções, que a conformidade faz nascer, e que interessaõ as almas sensiveis: huma nova alegria animava a Carite, e a Polydoro, da qual admirados, diziaõ hum para o outro: » Que he isto, será possível que ainda mais se accrescente a amizade, que nos une? Não, para durarem nossos protestos he escusada a presença dos Deoses.

Já se não esperava mais que o momento da cerimonia; os preparos não podião retardallo para mais tempo: não havia amigos que convidar, porque nunca ficão na desgraça; e além d'isto, a que objectos estranhos podião elles inclinarse? Que outros sentimentos podião conhecer senão aquelles, que os uniaõ? Seus corações exauridos se concentravaõ em si mesmos, e apenas a tanto bastavaõ.

Já prestes a partirem para o Templo, ouviraõ soar ao longe prantos, e gemidos; a desolação se derramava pelas campinas, e nas socedidas Vergas da Attica retiniaõ penetrantes alaridos; huma trombeta funerea fazia rebombar os ecos com

seus lúgubres accentos, e fazia chegar o susto á morada tranquilla de Pisistrato. Este Velho desfeito n'hum a enchente de lagrimas, dizia em altas vozes: « Ah! meu filho, bem mais doce me seria ter-te sempre a meu lado; a felicidade da minha velhice me faria deslembrar as desgraças, que hei passado. Mas ai de mim! He preciso que te deixe; essa funesta trombeta me dá muito a saber, que a Patria ha mister os teus braços: anda, vai, que ao depois talvez lhe não lembrem os teus serviços, e pôde ser que ainda contes por beneficios as injúrias recebidas. Nada te importe, meu filho; o que em primeiro te cumpre he servir bem á Patria, depois deves esquecer-te destes serviços. »

depois se tornou a passar á sua
náo.

O mar, que entremêa a
Ilha de Creta, e Attica, he
aquelle taõ famoso pela deses-
peração de Egêo, que tomou
o nome deste Principe; he se-
meado de pequenas Ilhas, bem
celebradas pelos muitos monu-
mentos, que encerraõ; aqui foi
onde a triste Latona, desdito-
so refugo da natureza inteira,
veio buscar hum azylo contra a
cólera de Juno. Cá no Mundo
só Delos, huma das Cycladas,
he que não recusou aceitá-la, e
diz a Historia que esta Ilha n'outro
tempo incerta, e boiante
foi atada pela mão de Juno ás
Ilhas de Gyare, e de Mycone.
Subindo por estes mares se vê
a Ilha de Scyros, cujos mora-

dores se mudáraõ n'outro tem-
em penedos á vista da hedion-
da cabeça de Medusa.

As Cycladas são tantas,
que os marinheiros sulcando es-
tes mares a cada instante as des-
cobrem, desde que o Sol se
ergue lá detrás das montanhas
da Fenicia, até que se esconde
nos mares do Epiro. O Capitão
Cretense ordenou que fossem
lançar ancora na primeira des-
tas Ilhas, e que se aprestasse o
batel para conduzir á praia a-
quella das Captivas, que elle
libertasse; separou-se dos ou-
tros companheiros, e em bre-
ve trouxe a formosa Carite,
declarando que a sorte a tinha
livrado.

Mas enlevada só no seu
Amante, Carite não attentava

para estas palavras, que trocavaõ o seu destino; e sempre absorta pela dôr, nada lhe trazia diversão, do que em torno de si se dizia, e por mais que fallassem, Carite não ouvia; talvez que nem ella advertisse haver mudado de estancia, se o seu querido Polydoro lhe não faltasse.

Era tempo em que o Sol deixava o horizonte, e se hia descansar nos braços de Thetis; hum vento fresco apurava os ares; a noite ainda não trouxera o repouso, mas com a luz havia fenecido o movimento; parecia que a natureza começava a descansar das fadigas do dia, mas Carite não descansava, quando subitamente lhe mandáraõ que saltasse no ba-

tel; com que lagrimas, e suspiros não foi sinalada esta separação! Era preciso largar este navio, que tão caro se lhe tinha feito; ella o vem acompanhando com os olhos, em quanto lho consente a distancia; mas os ventos, e a sombra de todo lho furtáraõ á vista; ficou sósinha no meio dos Soldados, que a levavaõ; a todos perguntava sobre o seu destino, mas debalde, que todos ficavaõ n'hum silencio triste. Chegados á praia fizeraõ saltar em terra a formosa Captiva, e os dous Soldados, que a acompanhavaõ, deixando-a n'hum banco d'arêa, se tornáraõ para o batel. Mas qual foi o seu estado ao ver-se exposta subitamente n'hum praia desconhe-

cida! O batel se hia afastando, e já mal se ouvia o bater dos remos, fendendo as vagas: Carite se via abandonada pela natureza inteira; o sibilar dos Aquilões, o roncar dos mares, e mais que tudo as trévas da noite lhe augmentavaõ o horror da situação. Ella se dirige aos Deoses, e disse. » O' Jupiter, Neptuneo, e Minerva! Deoses Justos, protectores Deoses, que conheceis a innocencia dos meus votos, porque os tendes illudido? Porque me haveis condemnado a este barbaro desterro? Já profanei o vosso culto? Já concebi em algum tempo criminosos designios? Ai de mim! Fiel sempre ás vossas Leis, eu me abaixava ao querer de minha Mãe; eu estava prestes a

completar hum casamento taõ querido do meu coração ; e com que crueldade o destino cortou estes nós ! O meu infeliz Esposo me foi arrancado dos braços ; se já o pude vêr , ainda o não pude abraçar , e com que enchente de lagrimas não vou expiar agora aquella felicidade ! Ah ! Polydoro , Polydoro , qual será o teu destino ? Mas Porque não tive eu a mesma sorte ? Porque me não acontecêraõ os teus perigos ? Deoses , a quem imploro , tende piedade de meus infortunios : se vós me castigais , quaes saõ os crimes , que commetti ? Se me quereis experimentar , para que vos virais contra o meu Amante ? » E trás estas palavras , ficou repetindo mil vezes o nome de

Polydoro. Vós, Ninfas, e Faunos, Semideoses, que morais nestas praias desgraçadas, bem o ouvistes lá do fundo de vossas grutas, e vós, Divindades do mar escondidas debaixo de huma das Lapas, tambem carpistes a triste sorte destes infelices Amantes.

Carite passou em lagrimas o resto da noite; a agitação tinha afugentado o somno dos seus olhos. Ainda bem não apontava a Aurora, Carite já descia de huma rocha, que ficava sobranceira ao mar, e á campina, e triste se encaminhava para o visinho bosque, quando os pastores, que pasciaõ o seu gado pela borda do mar, sahiraõ de subito de hum sombrio arvoredõ. Carite assus-

tada foge ao vê-los; e julgando transpôr-se ás suas vistas, se baqueava por detrás dos penedos, que cobrem a praia. Mas os Pastores vendo o seu temor, e fugida, correm apôs della, e lhes não custou muito alcança-la, e notando que era estrangeira, como não se acordando qual causa a necessitasse a deter-se escondida nestas solitarias Costas, leváraõ-na comsi-go, e a mettêraõ n'huma caverna medonha. Este Paiz, para onde os ventos, e a casualidade tinhaõ arrojado Carite, era a Ilha de Naxos, taõ celebrada n'outro tempo pelos infortunios de Ariadne, e pelos amores de Baccho. Enaro, seu Rei, nunca tinha accendido as tochas do Hymeneo; mas, como

se via forçado a escolher hum successor, tentou casar Cydippe sua Irmã com o mancebo Agenor, unico descendente de huma linhagem antiga, que havia dado muitos Reis a Naxos. Agenor se olhava como presumido herdeiro do Sceptro, e gozava já das honras, e poder, que lhe dava este titulo. Ainda se não tinha fixado o dia do seu casamento, e o Joven Principe buscava sempre motivos novos para o differir, não porque a esperança de reinar lhe não fizesse ter em conta de vantajosa esta união, mas porque a idade de Cydippe combinada com a sua o fazia temer hum casamento, que só estimulava sua ambição. Cydippe não enxergava facilmente a indiferença

de Agenor, e se elle não mostrasse algum pezar ao Rei seu Irmão, elle o não tivera constrangido a este casamento; porque ella amava o Principe, e Amor lhe saboreava os desgostos, que elle lhe dava. Isto se passava na Corte á chegada de Carite, com quem se quebrantáraõ em breve os direitos da Hospitalidade. Em fim quando concedêraõ a Carite a liberdade para falar, disse que era Atheniense aos barbaros que a tinhaõ prendido, e que huma esquadra Cretense a tinha levado de sua terra, e que ao depois a largáraõ na praia.

A singeleza de sua Historia, e as graças, de que a enfeitou, persuadíraõ os que a escutavaõ, e de algum modo a

soccorrêraõ, obrigando-a a tomar parte nos seus empregos, e trabalhos; logo ao romper do dia se lhe incumbio a guarda de huma porção de gado; Carite houve mister de conformar-se a este novo estado: a filha de Sterope com o cajado na mão hia todos os dias para o meio das brenhas dar huma desatada corrente aos seus prantos.

Hum dia quebrantada pela dôr, e pelo trabalho, se assentou ao pé de huma arvore, onde o somno se apossou de seus sentidos perturbados: Agenor, Principe de Naxos, perdido na caça, foi dar neste sitio, onde estava Carite, que lhe pareceo hum. Divindade, e a tivera por Diana, se não fosse o cajado, que trazia na

maõ. Elle se pôz a olhar para tantas graças reunidas; o somno, e a calma da sesta favoreciaõ suas vistas; seus olhos inquietos se animavaõ; sua alma fóra de si se absorvia n'hum li-songeiro veneno; allucinado, e vencido pelos seus desejos, elle se avisinhava, e já se naõ conhecia. Oh desgraçada Carite!...

Nõ em tanto ella acorda, e rompe n'hum alto grito; debalde Agenor se prostra a seus pés, que ella mais veloz do que a seta se escapa, e foge, e bem como Atlante deixa o Principe de Naxos confuso, e perturbado.

Apenas foi tornado a si, Agenor sentia com mais amargura a flexa, que o tinha varado; depois disto huma inclina-

ção secreta o levava áquelle sitio; porém debalde buscava Carite, que ella já não tornava ao bosque; a ausencia, e a separação augmentavaõ o amor do Principe, que irritado pelos obstaculos, que achava em sua nova paixão, projectou valer-se de tudo para satisfazê-la. Carite julgava achar nestes desertos o descanso, que podia ter; ella já tinha entrado na confiança dos Selvagens, moradores daquelles sitios; os que no principio a maltratavaõ como culpavel Escrava, agora a veneravaõ como Deosa-tutelar. Ella a seu modo se empregava nos mais afanosos trabalhos, e nisto com boa sombra se occupava de continuo; dava-lhe o Destino hum repouso que taõ caro lhe cus-

tava: a lembrança da aventura lhe tolhia voltar ao bosque; nunca se tirava da praia, aonde tristemente dilatava seus olhos por cima das ondas, que a separavaõ do seu Amante, e que foraõ as derradeiras testemunhas da sua ternura. Ella gastava todo o dia neste perturbado enleio, e logo que a noite annunciava aos trabalhadores o fim do seu trabalho, contando a manada, para o aprisco a conduzia a passos lentos.

Carite desta fórma enchia o dever, que lhe impunha a sua sorte; quando ao longe vio correndo huma Escrava, que parecia demandar sua compaixaõ; Carite era sensivel; esta he a sorte dos Infelices. Ella mesma correo ao diante da Infeliz, e

a escrava de joelhos pedia lhe mostrasse hum escondrijo, onde se abrigasse da ira de seus amos, que a vinhaõ perseguindo. A piedosa Carite a socega, e a abraça; segura-lhe que em sua casa haveria hum gasalhado para a proxima noite; e que no dia seguinte iria pedir auxilio aos Habitantes daquella aldeã.

Apenas disse estas palavras, quando se vio assaltada de huma tropa de Satellites, que a cercaõ, e prendem com ferros; ella quer saber o seu crime, mas nada se lhe responde; furiosos a arrastavaõ, e tendo andado distancia de muitos estadios, a final a precipitaõ n'huma estreita prisão. « Oh Destino! (gritava ella) tu naõ canças de opprimir-me com teus

golpes; he assim que se recompensão a humanidade, e a virtude? » Por tres dias successivos Carite se entregou ao horror de seus pensamentos; seus olhos, só por intervallos se fechão, quando banhados em lagrimas cançavaõ: já de abrir-se,

No meio destes males sempre vinha Polydoro adoçar o seu horror; ella ainda guardava aquella véo pardo, que trazem os noivos nas festas do Hymeneo, que lhe dera o seu Amante no mesmo dia, em que vio despontar suas desgraças. Carite desatou este precioso monumento, em cima do qual escrevia com greda o nome de Polydoro, que logo riscava para escrever-lhe outro, e ás vezes enlaçava os de ambos. Ao quar-

to dia vieraõ tira-la da prisaoõ os mesmos Barbaros, que de sua tranquilla morada a tinhaõ arrancado, e a levãraõ á presença dos Juizes. Cleonidas, es-
cudeiro de Agenor, se levanta contra ella, e se declara seu accusador; exprobra-lhe o haver favorecido a fugida de huma Escrava, e pede no fim de tudo que torne Carite a ficar em grilhões.

Hum confuso murmurio entao se levantou no Congresso, e todos se contentavaõ do aliytre de Cleonidas: os Juizes peitados com presentes, e vendidos ao Principe seu Protector, condemnaõ a amavel Carite sem ouvir sua defeza; fizeraõ-na escrava, e já o seu novo Amo lhe ordenava que o seguisse. Cleo-

nidas sempre obrava segundo as ordens de Agenor: este Principe agora mais que nunca embebido nas graças de Carite empregou este barbaro meio para tira-la de hum retiro, onde só a tanto custo a descobrira.

Naõ tardou muito que a fama naõ divulgasse era o Principe de Naxos Amante de huma Escrava do seu valido, e logo que o soube a Princeza começou de accender-se em cólera contra o lastimoso objecto desta paixão: fez logo apparecer Cleonidas, e lhe pede a Estrangeira para têlla no número de suas Servas: Cleonidas em vaõ tentava illudilla; porque Cydippe o ameaça irrosa, caso lhe naõ mandasse quanto antes a donzella Carite: foi precisa

obedecer. Carite só esteve dous dias na casa de Cleonidas, e neste espaço nunca deixou de experimentar os ataques de Agenor; a esperança da Liberdade era o bem mais diminuto, que o Joven Principe lhe offertava nos seus olhos para lhe inspirar amor; mas Carite unida a Polydoro com eternos vinculos, não carecia de huma tão doce lembrança para se recusar aos desejos do Principe de Naxos; ella o conheceo bem facilmente por author do inhumano conloio, a que se havia sacrificado.

Cydippe se corria á vista da nova Escrava; a belleza de Carite avivava o seu zelo, e no fundo do coração jurando-lhe indomavel odio, só buscava atormenta-la; fazia-lhe tudo

quanto o amor irado pôde achar mais rigoroso ; desprezos , ultrajes , os trabalhos mais custosos , os mais barbaros tratamentos , tudo foi posto em prática ; Cydippe nunca achava-castigo assás forte para punir sua rival.

Carite em meio do opprobrio , e da vileza , antes queria esta condição desditosa , que a de vêr-se escrava de Cleonidas ; pelo menos só o nome da Princeza a salvava dos intentos de Ágenor , a quem por tantas razões devia temer d'ora em diante , e de quem se não pudéra defender longe dos olhos de Cydippe. Todavia não foi seguro azylo para Carite o palacio desta Princeza ; Agenor teve modo de lá se introduzir se-

cretamente , e Carite se perdê-
ra , chegando elle ao fim do seu
designio , mas Cydippe o des-
cobrio , e frustrou as prevenções,
que Agenor havia tomado.

No dia seguinte para aca-
bar de huma vez a esperança
do Principe , Cydippe enviou
a infeliz Carite para hum can-
to da lha com guarda para a
fazer trabalhar nas mais duras
occupações. Carite esteve nes-
ta solidão por mais de dous me-
zes ; só lhe desatavaõ os gri-
lhões para a fazer trabalhar na
terra , e quando se lhe dava al-
gum instante de repouso , logo
lhe atavaõ as cadeas. Se por
ventura o calor do dia , ou o ex-
cesso do trabalho faziaõ sus-
pender hum tão custoso exer-
cicio , sem attender-se ao des-

cahimento das forças, a maltravaõ com violencia, em quanto não retomava o trabalho : desta sôrte a Ninfa Io perseguida por Juno, e abandonada aos cuidados da detestavel Argos, continuamente experimentava os tormentos mais cruels.

Agenor veio a saber do retiro de Carite, e logo fez tenção de ir busca-la piedoso, ou apaixonado. Cleonidas lhe secundava seus desejos, e ajuntando este hum número consideravel de Amigos, e de Escravos, se conduz á testa delles para o sitio, onde a amargurada Carite seguia o curso do seu destino.

Era já noite, e Carite habitava com seus algozes n'humma casa retirada: arrombaõ-lhe

as portas, e Agenor entra para dentro; os guardas pegão das armas, e se oppõe á sua passagem; o Principe redobra seus esforços: anima-se o combate, e se torna furioso. No meio deste barulho valendo-se do escuro, Carite rompe os ferros, e apressadamente se escapa, em quanto ao outro lado o combate se accendia. Assustada, e a tremer Carite hia fugindo, sem se atrever a olhar para trás, e com chamar em seu soccorro os Deoses, que tantas vezes invocára em vão, se contentava, e satisfazia.

A Aurora já tinha aberto as portas do Ceo, quando a infeliz Carite chegou ao pé de hum arvoredó, que por entre sombras ao longe tinha avista-

do; alli esperava metter-se, e apenas tinha caminhado hum pouco por meio de silvas, e ro-saes, quando advertio que este era o lugar sinistro, onde a vio da primeira vez o Principe de Naxos. Até entãõ havia retido as suas lagrimas, mas ao vêr estes sitios começou de as soltar em grande copia. « Ah! Infeliz (dizia ella) a quem poderei recorrer? Irei buscar outra vez os Pastores, a quem servia, e que me enganavaõ? Poderei offerecer-me a Cydippe, que me aborrece? Ao Principe de Naxos, cujo amor mil vezes me he mais horrivel? Naõ.... Ah! Em que astro eu vim ao dia; pois que perdendo o Amante, o destino quer que eu chore, sem que elle seja o motivo das minhas la-

grimas. » Então ella se dirige á praia; o extremo da desgraça lhe extravia o espirito; hia precipitar-se nas ondas, mas o quebrantamento das forças lhe não consentio arrojarse até á borda do mar, e cahio desfalecida pelo canção, e pela dôr: a natureza desalentada já não pôde empregar o esforço ultimo, que devia a hum tempo com a vida terminár os seus males.

O restante do dia passou Carite neste estado: as mais oppressivas idéas vinhaõ de continuo presentar-se ao seu espirito; ella não dormia, mas com tudo isso ellas serviaõ de funestos sonhos, que á contenda a perseguaõ: ora se recordava do infeliz Polydoro estendido sobre a arêa, nas garras do mons-

tro de Creta, e prompto a finalizar seus dias; ora via seus membros escorrendo em sangue, que o Minotauro devorava; ora se, lhe pintava o Principe de Naxos, abusando do lastimoso estado, em que se achava. Bramio então, e só esta idéa a pôde acordar do lethargo, que a opprimia: tentou erguer-se, mas, ah! infeliz! Ella se vê nos braços de hum homem, que ternamente a abraçava.

« Oh barbaro! Oh monstro! (gritou ella.) » Porém oh Ceos! Que maravilha! Ella se sente alagada com o pranto deste desconhecido. Era Pölydoro... A voz lhe falta, e Polydoro consternado accusava os Deoses, que lhe davaõ a sua Amante para outra vez, lha tirarem. Elle

abraça sua desgraçada Esposa, aquece-a nos seus braços, e a faz reviver com seus gemidos. Amor faz descaminhar a Carite a estrada da morte; ella abre hum pouco os seus olhos, torna a vêr a luz, que já quasi hia perdendo, e o Amante, que já tinha perdido. Entaõ roga a Polydoro conte as suas aventuras, e quando já começava, ella o interrompe para contar-lhe as suas. Polydoro attentamente ouvia: qualquer circumstancia excitava a sua curiosidade, cada successo mais o interessava. A narraçãõ de Polydoro foi simples; elle tinha chegado a Creta, depois que se separou de Carite; quarenta dias se gastãõ em purificar as victimas, e quando no fim do prazo foraõ

expostos á raiva do monstro, Theseo, filho do Rei de Athenas, que se achava envolvido na desgraça dos mais, matou o Minotauro, e sahio do Labyrintho por meio de hum fio, que Ariadne lhe tinha dado. Esta, que era filha de Minos, não ousando expôr-se ás iras de seu Pai, a quem havia trahido, fugio com Theseo; mas este ingrato Principe vinha desembarcar em Naxos com designio de largar ahi sua generosa Amante. Polydoro tinha seguido a sorte de Theseo; elle o tinha acompanhado a estes climas, e o primeiro objecto, que tinha aqui avistado, foi a sua infeliz esposa, que elle cuidava tinha entrado no número dos insensíveis.

O pranto dos deus Amantes não deixou findar a narração; a sorte, que os tinha perseguido, agora os ajuntava depois de tantos desastres; parecia que os Deoses sómente sobre elles haviaõ carregado sua mão para lhes fazer mais vivamente sentir o deleite do amor, e o de se verem outra vez. Fortemente abraçados hum com o outro, elles ficariaõ sempre nesta situação deliciosa, se Polydoro, que sabia o estado de Carite, se não assustasse por ella, e lhe não fizesse convir em irem para o proximo Casal buscar os socorros, que tanto haviaõ mister.

Carite se determinava a seu despeito, sempre recordando-se que os Pastores a tinhaõ atraí-

coado; e quando ella dava conta a Polydoro deste receio, víraõ que dous navios se vinhaõ aproximando á praia. « Sirva-nos esta occasiaõ, dizia Carite; cheguemo-nos a estes navios, talvez que sua derrota se dirija a nossos climas; vamos dar aos nossos desditosos Pais a tranquillidade, que a nossa ausencia lhes tirou; elles cheraõ a nossa morte, e como eu já chorei a tua, posso avaliar dos seus tormentos; a nós cumpre dar-lhes o termo; naõ gozemos só-sinhos a tranquillidade, que a sorte nos dá. »

Dizendo estas palavras, elles caminhavaõ apressados. Já os navios se tinhaõ fundeado; os marinheiros já saltavaõ em terra, e trás elles hiaõ saltan-

do huma tropa de guerreiros. Polydoro dirigindo-se ao Comandante, lhe diz: Nós somos Athenienses; e o nosso navio se espedaçou nestas rochas; dignai-vos levar nos a ambos para bórdo, e transportar nos á nossa Patria. » Com hum sorriso amargo, lhe responde o Comandante, que os seus desejos seriaõ satisfeitos em breve, e que n'hum momento todos embarcariaõ.

Ambos os navios eraõ armados por Corsarios da Fenicia, que andavaõ por alli costeando com olho a roubar alguma Escrava. Polydoro já tarde conheceo a sua imprudencia; já naõ era tempo de a reparar. Em breve saõ obrigados a entrar nos navios; elle pede em vaõ que:

o não separem da Esposa ; mas ao contrario elles lha separaõ do seu lado , e a pozeraõ em outro navio. De repente se leváraõ as ancoras , e com ventos de servir dentro em pouco se alongáraõ os navios das Costas de Naxos.

L I V R O III.

Ainda bem os dous navios se não tinhaõ feito á véla , quando a natureza inteira contra elles se erguia. As ondas se amontoaõ , e abrindo-se deixaõ vêr os abysmos mais profundos. Carite gritava , dizendo. « O' Venus , manda a estes mares , que

te viraõ nascer, respeitem os dias do mais terno dos Amantes. 'O' Amor, que governas o Universo, apressa-te, a salvar a tua mais perfeita obra. » Estas súplicas se confundiaõ na grita dos Marinheiros. O trovaõ roncava, e ós ventos se desprendiaõ; o Nauta se tornava pállido, e o Piloto assustado já naõ achava recursos na sua Arte; a noite sobrevem, e com ella cresce o medo; a sua imagem de toda a parte se offerece aos seus olhos. Durou a tempestade até que assomou a Aurora, e logo que as Horas se atáraõ ao Carro do Sol, lá do fundo das cavernas chamando Eolo os amotinados ventos, com forçosa maõ os encadêa, e prende; porém fechados ainda nas

lóbregas prizões, de longe se ouviaõ assobiar, e gemer insofridos de verem enfreado o seu furor. Tanto que as sombras de raõ lugar ao dia, Polydoro em vaõ dilatava os olhos pela superficie dos mares, para vêr se dava com o navio de Carite. Os ventos o tinhaõ esgarrado para longe do seu Amante. Neste tempo os Piratas, que levaõ o infeliz Polydoro, querendo desfazer-se dos Escravos, resolvêraõ ir a Sestos ás Festas de Adonis, que entaõ se celebravaõ; o concurso dos Estrangeiros, que vaõ áquellas Festas, lhes pintava para os seus designios occasiaõ opportuna.

A Cidade de Sestos he situada no Chersoneso, na extremidade de hum Promontorio

do mesmo nome ; o mar , que lava seus muros , he o Hellesponto , nome que lhe déra Helle , Irmã de Fyxo afogada neste estreito , quando o atravessava no celebrado Carneiro do vélllo de ouro.

Já por uso antigo nestes lugares consagrados em cada anno se celebraõ as Festas de Adonis , e Venus , e se diz que nesta cerimonia foi que o amoroso Leandro vio pela primeira vez a formosa Hero. Estas Festas tem fama por aquelles contornos : os da Grecia , e da Asia ; os de Abydos , os Colofos , e os de Efeso alli concorrem para offerecer suas promessas a Venus. Os habitantes de Lemnos , os de Tempé , e todos os que moraõ em meio do

mar, e do monte Cytheron, vão também áquelle templo adorar a Deosa, e chorar com ella a morte do seu desgraçado amante.

Junto com estas Festas se celebraõ também as do Amor, e se gasta hum dia inteiro nesta cerimonia particular. Entaõ foi que os Piratas abordáraõ á praia. Polydoro he levado á Praça pública com os outros Escravos: á sua chegada se suspende o festim, todos sollicitos se apinhoavaõ para derramar flores a seus pés, julgando que era o Amor, que attrahido dos seus cultos vinha alli brincar com elles. Mas Polydoro de olhos baixos dentro em si offerece escondidos rendimentos ao filho de Venus; esta festa, em que reina a alegria, só lhe da-

va motivos de lembranças dolorosas.

Depois disto começáraõ a apparecer os Choros. Os Moços, e Moças, que os compunhaõ, vinhaõ de alvas, e roçagantes Vestes, alternadamente cantando o hymno Sagrado.

« Recebe os nossos cultos, (disseraõ todos primeiro) Deos Potente, que õ Mundo reges; tu, que a Prometheo deste o fogo divino; tu, que soubeste regular os elementos, e desenvolver o Cáos; tu, alma da natureza, vem a reinar entre nós; deixa de habitar em Cithera, e vem habitar connosco. » A isto respondiaõ os outros. « Para longe seja de nós essa Divindade malefica, a quem precedem os desejos, e os pezares.

acompanhaõ ; a felicidade nunca os seus passos segue ; o ciu-me , a desesperaçãõ , e o dis-sabor junto com ella sahíraõ da caixa de Pandora. E tu, que nos estás ouvindo, toma conta de a seguir ; he hum perigoso fantasma , e os prazeres , que fórmaõ a sua Corte, saõ huma enganadora imagem dos prazeres verdadeiros. » Porém ha outro amor , (respondêraõ as donzellas) Deos favoravel, que n'al-gum dia habitou sobre a terra nas idades de Cybeles , a quem os votos dos mortaes ás vezes chamaõ do Ceo ; para a felicidade dos homens o criáraõ no seu templo a virtude , e a innocencia , como author dos bens reaes ; elle os reparte a seus adoradores fiéis ; elle he que sus-

tenta a esperança no meio da desgraça, e que anima a perseverança no extremo dos infortunios. E tu, que nos estás ouvindo, apressa-te a reconhecer sua potencia, e crê que só elle he digno do teu culto. « Oh adorada Carite, (gritou de repente Polydoro) eis o Deos, que o meu coração quer adorar; por ti he que eu lhe peço. » Estas palavras convertêraõ para si os olhos da multidão: todos o olhavaõ com desvélo, e maravilha, quando hũm velho atravessando a turba correo a abraçá-lo, e lhe disse: « Ah! Este he o filho, que as Parcas me roubáraõ, e que os Destinos me enviaõ sensiveis á minha desgraça. Mas que digo! Que illusão! Póvos de Sestos, perdoai-me.

Eu julgava que este Escravo era meu Filho; as suas feições me tocáraõ; mas este parecer foi hum casual accidente, que só irritou a minha dôr. » Nausicrates proferindo estas palavras se abraçava com Polydoro, e este desgraçado movido de compaixãõ se esquecia dos seus males ao vêr os que havia despertado a sua presença. No mesmo instante o Cabeça-dos Piratas os quiz separar; mas a vista de Polydoro era muito prezada de Nausicrates: este velho generoso pagou o seu resgate, e o levou comsigo. O Povo, que tanta parte havia tomado nesta aventura, abençoava Nausicrates, e lhe recommendava o seu Escravo; e logo que chegáraõ á praia, ambos se mettêraõ em hum batel.

A Cidade de Abydos, onde Nausicrates assistia, foi onde nasceu Leandro; está situada á face da de Sestos, da outra parte do Hellesponto. No caminho olhava Nausicrates para Polydoro, e já se magoava da surpresa, que o Escravo daria á sua Esposa. Ella se achava na praia esperando já impaciente pelo seu Esposo, e accusando já sua tardança, quando o batel abordava. Nausicrates saltou para fóra, e sua virtuosa Esposa para elle corria apressurada; mas quando ella vio Polydoro, o excesso do pasmo arriscou muito os seus dias. « Que objecto! (exclamava ella) Que vejo eu! » Socoga (lhe disse o velho) Oh minha cara Themisto; a sorte rou-

bou-te hum filho, e o Ceo te quer dar outro para abrandar os teus males. « Naõ, dizia ella de hum ar temeroso, este naõ he meu filho: esta manhã ainda eu espargia suas cinzas com libações de leite; naõ he elle, te digo, que seus Manes já passáraõ a Styge, e naõ ouvem meus gemidos. » Quando Themisto pôde ouvir a narraçãõ desta aventura, tomou como seu Espoço muita amizade a Polydoro; ambos se naõ fartavaõ de o vêr, e de o abraçar; e ás vezes o tiphaõ por huma Divindade fugitiva, que vinha temperar seu infortunio. Polydoro tocado deste espectaculo participava de iguaes sentimentos; enxugava as suas lagrimas, depois de chorar com elles;

quando elle era menos para chorar-se, pois que de males rodeado gozava ainda o bem de fazer os outros felices.

Foi necessario encaminha-rem-se para casa, que era ás portas da Cidade. Polydoro ao entrar nesta cabana se sentio penetrado de hum Santo respeito; a ordem, e singeleza, que alli reinavaõ, recordáraõ á sua lembrança o que se conta desses velhos, que em outro tempo recebêraõ os Deoses na sua humilde pousada. Toda a riqueza destes dous Esposos consistia em poucas geiras de terra, que elles faziaõ valer pelo trabalho de suas mãos, e mais algumas manadas, parte das quaes hiaõ vender todos os annos ás festas de Sestos. No

outro dia tudo se confiou a Polydoro; não como a hum escravo, mas como a hum filho amado, a quem queriaõ encher de bens.

A vigilancia de Polydoro, e seus continuos desvelos augmentavaõ os rendimentos de Nausicrates: elle passava todo o dia no trabalho; ao amanhecer já hia esperar no campo a Aurora, e á noite conduzia os rebanhos, e trazia tambem o leite para os dous Velhos; a sua presença ao mesmo tempo lhe dava aquelle deleite puro, que he filho da ternura, e do qual não gozavaõ ambos na ausencia de Polydoro. Assim achava elle em Sestos aquella vida innocente, que o habito, e a educação lhe faziaõ estimar; elle

amava seus novos Amos tanto, quanto elles o amavaõ; e tanto fazia a sua felicidade, quanto elles fariaõ a de Polydoro, se ausente de Caritê podesse achar prazer. Nas visinhanças da Cidade tem o Amor hum Templo assás conhecido em toda a Grecia; está situado no alto de hum monte, para onde se diz que o Deos se retirára, fugindo aos corações pérfidos, que deshonravaõ o seu culto. Todas as tardes, em se acabando a tarefa, Polydoro para alli se encaminhava a implorar a protecção de hum Deos, que tantos pezares lhe havia causado. Nausicrates tinha por detrás de sua casa hum jardim tao simples como ella; no fundo havia hum bosque de myrto, e no meio

se tinha erguido huma estatua do Hymeneo. Nausicrates hia alli muitas vezes render as graças a este Deos tutelar pelos beneficios, com que tanto o galardava, ainda que hum dia do anno era sinalado para este fim; e era aquelle, em que deo começo a uniaõ dos dous Esposos. Elles rogavaõ seus amigos para vir assistir com elles ao anniversario do seu casamento; coroavaõ se de flores, offereciaõ libações de vinho, e ás vezes se sacrificava huma novilha, ou hum cabrito. No dia costumado os hospedes se retiráraõ, tanto que se findou o sacrificio, e Polydoro ficou sósinho ao pé da estatua; veio a noite, e adormeceu, e apenas o colleo esta benefica impressaõ,

quando hum sonho funesto veio amedrontar seus espiritos; afigurou-se-lhe que a estatua se animava, e que o Deos do Hymeneo com hum fâcho na mão lhe mostrava a sua amada Esposa nos braços de hum Rival. Ao vêr esta Scena, geme Polydoro, e acorda furioso. « Sahe, injusto, (gritava elle) tu me persegues até nos braços do somno; o descanso, que a natureza acorda até ao mais vil dos animaes, para mim não he hum bem. Não, minha amada Carite, eu conheço o teu coração, se ainda vives tu me és fiel... Mas que!... (reflectia elle logo depois) não he por ventura este sonho huma advertencia dos Deoses? Ah! Carite; tu me atraioças; já outro

tomou posse do teu coração!
Onde acharei o temerario? Lá
hei de ir castigar a sua audacia.
Deixemos estes lugares; corra-
mos... Mas que! Posso eu dei-
xar Nausicrates, e Themisto?
Ah! Quanto eu sou desgraçado!
Mas... como poderão reter-me
a honra, e a gratidão, quando
me estão chamando o Amor,
e o Hymeneo? « Ainda assim
por occulta influencia outra vez
adormeceo, e o sonho, que o
tinha atormentado, de novo lhe
apresentou sua imagem oppres-
sora. » Por certo (exclamou en-
tao Polydoro) que eu já não
devo hesitar; Carite-me he in-
fiel; o mesmo Hymeneo me
descobriu este mysterio espanta-
toso; eu mesmo lhe hiria mos-
trar sua perfidia nos braços do

novo Amante; já não duvido; esta he a vontade do Amor, e elle me estimula. Deoses, que estais vendo os meus combates, dai razão á minha innocencia, e achei de eternos bens o virtuoso Nausicrates, e a desgraçada Themisto.

Logo que o dia apontou, Polydoro corria ao longo da Costa buscando hum navio, que se fizesse á véla para a Grecia; não tardou que o não achasse; porque mandando a Cidade de Abydos todos os annos presentes consideraveis ao Deos de Epidauro, o navio estava soltando a ancora. Polydoro se aproveita desta occasião para tornar para a Grecia, onde se lisonjeava estar Carite ao pé da terna Sterope, e caso mallo-

grasse as suas esperanças, abraçando a Pisistrato, tentava metter-se ao mar, e ir se em busca de Carite, percorrendo por todas as Cycladas. Elle partio com este designio, porém moçoado se afastava da praia, e a lembrança de Nausicrates, e de sua Esposa a cada instante o atormentava; implora por elles o favor dos Deoses, e lhes deseja hum melhor destino. Depois a visinhança da Grecia subitamente mudou o estado da sua alma; logo que o navio afferrou, Polydoro sem esperar o dia, em que os presentes se devião levar ao templo, desceo sósinho para buscar meio de atravessar em pouco tempo o Peloponneso, e de se transportar a Corintho.

Nos arredores de Epidau-
 ro em distancia de huma milha,
 Polydoro se encontrou com hum
 Velho, que apascentava os seus
 rebanhos, este o fez parar, e
 lhe disse; « Joven Estrangeiro,
 se te encaminhas á Cidade, a-
 conselho-te, que aguardes aqui
 até á manhã. Tens de atraves-
 sar este bosque, o qual não sen-
 do extenso tem occultas, e in-
 trincadas veredas; digo-te que
 esperes até á manhã; olha que
 a ~~sombra~~ já desce pelas monta-
 nhas, e o fumo já se levanta
 do tecto dessas cabanas; deixa-
 te ficar comigo; eu te offereço
 leite para beber, e folhas ver-
 des para te encostar. » Aceito
 a tua offerta, lhe disse Polydo-
 ro, e Jupiter hospitaleiro te pa-
 gue este favor.

Depois disto partíraõ ambos, e chegados que foraõ, huma numerosa familia vinha encontrar se com o Velho; alegres recebiaõ a Polydoro, e todos andavaõ á roda d'elle. Entaõ lhe disse o Velho: « Estrangeiro, a paz, que nos vês gozar, nem sempre reinou neste paiz; passa de poucos mezes que pelo esforço de hum homem, ganhámos a segurança, em que vivemos. Ainda não ha muito tempo que nestes lugares morava hum feroz gigante conhecido pelo nome de Sinnis; este latrocínador matava os viajantes pelo supplicio mais cruel; sua força era taõ prodigiosa, que dobrava até o chaõ os pinheiros mais levantados, e atando-lhes na ponta as suas victi-

mas as deixava ir ao alto, para que o movimento deslocasse os membros destes infelices; eu mesmo observei o derradeiro de seus crimes; eu o vi receber o castigo devido ao seu merecimento; ainda agora esta lembrança me está gelando de espanto. Eu hia para a Cidade, e caminhava tão apressado pelo bosque, quanto mo consentião as forças, e os annos: encontrei hum Moço, que trazia comsigo humã Donzella da sua idade; perguntáraõ-me o caminho, e disseraõ-me que eraõ Cretenses; separei-me, desejando-lhes todas as venturas. Tinha-me afãstado hum pouco, e ouvi que ambos d... aõ altos gritos, olhei para trás, e vi que o gigante havia pegado no Mo-

ço; e o arrastava pelos cabellos; a Esposa o seguia suplicando ao barbaro, mas bem longe de mover-lhe o coração, só fazia irritá-lo mais. Apenas o Cretense expirou, quando áquelle sitio chegava Theseo. He impossivel (dizia o Velho) que a fama deste Heróe não tenha chegado aos teus ouvidos; elle he hoje a maravilha da Grecia, e segue as pizadas de Alcides; depois da morte do Minotauro, fez morder o chão a muitos ladrões, que devastavaõ a Achaia, e posto que seu Pai Egéo morresse ha perto de hum anno, elle mais quer os combates, e gloria das armas, que o pacífico brilhar do Throno. Chegava pois Theseo, como já disse, no momento, em que o

mancebo Cretense acabava de expirar; elle ataca o monstro, e pondo-o inerte, o matou com o mesmo genero de castigo, que elle tinha inventado. Morto o Gigante, arrancou este Heróe pela sua mão a duas arvores, que tinhaõ servido de instrumento á sua crueldade, a fim de extinguir até os vestigios desta horrída barbarie. Eu estava em certa distancia penetrado de espanto, e mágoa, quando reparei na donzella Cretense, que chorando apanhava os dispersos membros do seu Esposo; eu mesmo fui ajuda-la neste piedoso officio, e a trouxe para minha casa. Depois disto ella foi erguer hum Sepulchro no lugar, onde tinha perdido a vida o seu desafortunado Aman-

te , e logo ao pé deste monumento construiu outro para hum de seus Irmãos, que já tambem tinha morrido. Acabadas estas obras , alli mesmo fez para si huma cabana , aonde até agora tem vivido entre os Manes errantes do Irmão , e do Esposo. Quando ámanhã formos para a Cidade por lá havemos de passar , e entãõ nos demoraremos a vêr. Mancebo, estes exemplos servem aos teus annos: se amas a virtude , e a piedade , isto ha de commover o teu coração. Agora vai tu repousar, que em sendo horas de partir, eu irei chamar-te. « Ah ! Meu Pai, lhe disse Polydoro , quanto a Cretense he para lastimar ! E quanto custa a perder o que se ama ! »

Polydoro sem dizer mais nada, se retira para o aposento, que se lhe tinha preparado; a relação, que acabava de ouvir, fazia nascer em seu espirito huma caterva de reflexões. Por vezes repetia, suspirando. « Ah! que o Amor faz sómente desgraçados, quando se mostraõ unidos dous corações elle os separa, ou pelo menos lhes dá o tormento da ausencia, do esquecimento, e da infidelidade. De todos os mimos dos Deoses será por ventura o mais temido hum coração sensivel?

Ao romper do dia Menthei (assim se chamava o Velho) foi acordar Polydoro, e ambos se pozeraõ a caminho. E ao entrar no bosque, lhe disse Menthei: « Talvez que não ache-

mos a Donzella na cabana; ella precisa de ir logo, em amanhecendo, buscar á Cidade o pouco bastimento, que ha de mister, mas tu verás os dous monumentos, que ella ergueo. » Não andáraõ muito espaço que os não vissem; n'hum recanto da floresta, onde ha muitos cypristes, he' que elles foraõ levantados hum ao pé do outro; foraõ construidos a modo de duas pyramides, e no cimo tinhaõ duas urnas de seixo com duas incripções: Polydoro se aproximou, e lêo estas palavras: Ao desgraçado Coreb. E no outro se liaõ estoutras: Ao infeliz Polydoro. O Mancebo ficou sem fallá; os joelhos o não pudéraõ ter de pé; Mentei se achega para soccorrello;

e neste momento Polydoro se avança á urna de Coreb, como se elle podesse com as debeis mãos derruballa em terra; mas faltaõ-lhe as forças, e cahe para o outro lado sobre o monumento, que tinha o seu nome inscrito. A este tempo chegava da Cidade a Estrangeira; vio o velho Menthei, e se foi a elle. Porém que espectáculo!.. Hum Homem recostado no Sepulchro de Polydoro! Com o rosto pregado no chão! Mas erguendo-o de repente, Carite o conhece. « Caro Esposo, exclama ella, és tu, ou he tua sombra lastimosa, que agora cahe do monumento? » Polydoro sem responder-lhe se avisinha, e lançando-lhe a mão, hia enterrar-lhe o punha defronte da

sepultura de Coreb , se Men-
thei o não suspendesse. Carite
medrosa da sua raiva , cahio
desmaiada a seus pés , e certa-
mente que só a dôr bastava a
cortar-lhe os fios da vida , se o
Velho sollicito lhe não valesse.

Carite jazêo grande espa-
ço sem tornar do seu desmaio,
e este perigo lhe attrahio toda
a ternura de Polydoro ; o zelo
o tinha cegado , mas a presen-
ça do perigo , o espectaculo da
morte , e o medo de perder Ca-
rite , influio , que ella tornasse
a si , e se restituisse ao seu A-
mante , e ao mesmo Amor : elle
não vio mais nada , nem mais
nada accreditou ; e Carite abrin-
do os olhos se achou nos bra-
ços do mais terno dos Homens:
Deixa me , dizia ella , deixa-me

acabar: Para que me tornas a vida? Já hoje me não ama aquelle, que eu tanto amava. Sim, Polydoro, tu me julgas culpada, e só este infortunio me faltava para levar ao cabo todo o rigor dos Deoses! « Está certa, the volvia Polydoro, que as Filhas do Erebo atormentavaõ o meu coração, e ensopavaõ a minha alma no veneno do ciu-me, mas eu julgo que vi, e vi por certo os Deoses todos juntos n'hum abrir dos teus olhos, e as Eumenides cedêraõ ao seu poder: eu te amo, e te adoro, amada Caríte. » Mas que digo eu? O teu Amante não he já digno de viver. Eu cõcebi huma suspeita; eu pude!... Não; eu não o penso na verdade: nem o meu espirito, nem o meu co-

ração tiveraõ parte neste medon-
 nho delirio. « Ouve-me, disse
 Carite, e permite á tua Espos-
 sa que se justifique. — Ah! Jus-
 tificares-te tu? E de que? De
 hum crime imaginario, que des-
 mente o meu Amor? Que jus-
 tificação! Tu culpada! Não;
 tu não o és, nem podes sêllo:
 Eu não quero attender a nada;
 e nada quero saber. Só he cer-
 to que te encontro, e te acho
 virtuosa. Sim, Carite; tu me és
 fiel; dou credito ao meu Amor;
 e aos meus remorsos, ao meu
 coração, á tua presença; e aos
 teus olhos. »

Escuta-me Polydoto, (sur-
 rindo-se Carite lhe tornava): tu
 me julgas innocente, tendo-me
 julgado culpada; eu não te con-
 demnoy; nem me queixarei da

tua injustiça ; ella he que me faz conhecer o teu Amor. « Ah ! Vinga-te , dizia Polydoro » E de que ? (Carite lhe tornava) A estas palavras hum corria pa- os braços do outro ; suas lagri- mas se misturavaõ ; suas caricias se suspendiaõ sómente com os suspiros , e soluços de Polydo- ro , e no em tanto Menthei , en- ternecido com o espectáculo , dava graças aos Deoses , cuja sabedoria , e virtude sempre a final se mostraõ. Passados pou- cos momentos , tendo ambos re- cobrado o uso da palaxra , Ca- rite se voltou para Polydoro , e disse : « Ainda que tu não queiras que eu me justifique , pelo menos escuta a narraçãõ dos meus infortunios. Olha , e vê este sepulcro levantado á

tua sombra errante. Ah! Eu cuidava que para sempre te havia perdido, e já fazia hum serviço á tua memoria, que só bastava a sustentar-me a vida. Lembra-te desse instante, em que os barbaros piratas nos separarão. Eu vi que te arrancavao dos meus braços, e te levavao para outro navio: o momento, em que nós tínhamos reunido, nos conduzia a desastres novos. Quando a sorte satisfazia os meus suspiros, entao já eu estava prestes a gemer outra vez entre os horrores da ausencia. Funesta separação! Meu peito se espedaçava, e a minha alma se hia escapando para seguir-te. Eu pelo menos esperava que no mar se não esgarrariao os nossos navios, e que ambos hiria-

mos lançar pé na mesma praia. Na minha desgraça me contentava com não perder de vista o teu navio, e menos me queixava do rigor do meu destino, quando o mar subitamente em serras levantado me fez muito recear da tua vida. Eu em altos gritos implorava o favor de Venus; chamava em teu soecorro o Deos, que nos tinha ligado, mas debalde a tua Amante arrasada em pranto invocava o seu poder. O' espantosa lembrança! O teu navio levado pela braveza das vagas se sumio; fechárao-se os abysmos, e a grita dos meus conductores só me annunciava que nem o meu Esposo, nem os meus companheiros já se podia esperar avistallos. Agora te não pinto, nem

re posso dizer o que se passou no navio nesses momentos. Attonita, e fóra de mim como podia eu soffrer huma tal desgraça? Eu chamava pela morte, ella se negava a meus alaridos; eu quizera busca-la no mar, mas huma piedade cruel a meu respeito punha côbro ás minhas iras. Foi necessario viver; porque a isso me forçáraõ; eu tenho desde entaõ vivido na esperanza de erguer hum monumento ás tuas cinzas, e de estar sempre alagado com as minhas lagrimas.

Passados alguns dias, abordámos em Creta; vendêraõ-me como escrava a hum velho chamado Forbas na Ilha de Gnosse. Sua condiçaõ me pareceo assás facil; elle era doce, singelo,

e' inclinado á piedade, e á be-
 neficencia; e Xantipe, sua mu-
 lher, era tão imprudente, quan-
 to Forbas era moderado, mas
 felizmente ella me arcedou da
 sua presença, destinando para
 o meu trabalho a cultura de hu-
 ma parte dos seus jardins. O
 primeiro ensaio das minhas for-
 ças foi levantar em hum visi-
 nho, e escondido bosque, hum
 pequeno Sepulcro de relva, e
 logo que foi acabado, invoquei
 tres vezes a sombra do meu ca-
 ro Polydoro, e pedi aos Deo-
 ses da Styge se comprazessem
 nestas honras vãs. Apenas eu a-
 cabava de fazer-te estes fracos
 deveres, quando ouvi estrondo
 ao meu lado, e olhando de re-
 pente, não vi cousa alguma, e
 me tornei ao meu trabalho or-

ordinario. Logo ao despontar da aurora eu me achava todos os dias ao pé deste monumento, chamava-te em altos gemidos, e gozava já pelo menos de huma livre corrente ás minhas lagrimas. Hum dia chegando a este sitio, achei os sobejos de hum sacrificio, e vi que se tinhaõ offerecido algumas libações, e que ainda a sepultura escorria em sangue de ovelha negra, victima costumada de Hecate. Cheguei, e disse: « Quem quer que tu sejas o Author deste beneficio, fica certo para sempre da minha gratidão. » Quanto eu acabava de proferir estas palavras, vi que vinha Coreb, o Filho de Forbas, cujas mãos generosas haviaõ feito aquelle sacrificio. Ah! Sei

nhor, lhe disse eu, lançando-me a seus pés, oxalá que tu recebas o galardão da tua piedade. Coreb só cuidava em me levantar, e notei que os seus olhos se arrasavaõ: esteve sem me responder hum grande espaço, e me parecia suffocado, e medroso, quando subitamente o vejo cahir a meus pés. Então quiz fugir; e elle me disse: « Suspende, e repara que o serviço, que eu te faço, não he indigno, nem de mim, nem de ti. Attende-me, e então conhecerás a Coreb; tu então conhecerás, e póde ser que digas: Elle era digno de melhor sorte. Obedeci á sua rogativa, e me deixei ficar. Coreb então alimpando as suas lagrimas, enectou por este modo o seguin-

te discurso: A confiança, que se diz inspirar a ternura, e amizade, são ainda bens desconhecidos ao meu coração. Desde que me sinto, eu vi o desvélo, que se tomava em arredar de casa de meu Pai tudo quanto podia fazer brotar os sentimentos da minha alma. Sem relações, separado de tudo, e por ninguém conhecido, eu mesmo de mim não sabia parte. Mas ah! Logo que eu te vi, amavel Carite, desde então o Universo tomou nos meus olhos uma face nova: eu conheci a precisão de amar então, quando conheci os deleites do Amor. Sim, Carite, eu te amo, e bem sei que te offendem estas palavras, mas está certa que mais não offenderei a tua ternura, nem a

tua constancia. Eu já sei das tuas desditas ; eu estava com meu Pai, quando elle te comprou em Gnosse ; tocado da tua belleza me informei dos mercadores , que te tinhaõ vendido, qual era a tua fortuna ; responderaõ-me que te haviaõ apanhado nas praias de Naxos, e que quando te apanháraõ , estava contigo hum homem, que ao depois se perdêo na tempestade, e que tu carpias de continuo a sua perda. Movido com esta narraçaõ, e pôde ser arrastado por huma invencivel tendencia, eu te segui, e observei os teus passos. Ha dous mezes que habitas nesta morada, e eu sempre tenho sido testemunha das tuas lagrimas, e companheiro da tua dôr : com ella crecia o

meu Amor, e sempre este excesso ficára sopito, se o meu coração pudesse recatar-se. Perdoa-me esta offensa voluntaria, e não te enojes de hum desgraçado, que ao menos não merece o teu odio. » O meu odio ! (lhe respondi eu) Ah ! Não o temas : eu não posso aborrecer o bemfeitor do meu Esposo ; os deveres, que acabas de fazer á sua sombra, sempre me hão de inspirar o mais vivo reconhecimento ; mas o meu coração não pôde fazer mais, elle vive todo empregado no objecto, cujos Manes estou honrando neste sitio, e gastarei o restante dos meus dias em prantear a sua morte. Attende-me pois, que se amas a virtude, e se o teu coração he puro, escuta, e sabe-

irás quaes foram as minhas obrigações, as quaes são agora os meus deveres.

Então lhe contava eu, continuou Carite, a Historia de nossos amores, e de nossos infortúnios, porque desejava extinguir suas esperanças, apresentando-lhe este painel. Mas que te direi? Eu me enganava. Sim, eu começava a recordar-me de instantes bem caros á minha lembrança, e nada mais era preciso. Ah! Desde a nossa separação, se o nome de Polydoro alguma vez sabio da minha bocca, só inanimados objectos, os céos só pedião ouvilho; mas hum coração sensivel estava agora para ouvir-me, e talvez derramar lagrimas na sepultura do meu Espóso. Quando eu aca-

bava a minha Historia, ouvi que minhas companheiras me chamavaõ ao trabalho; foi necessario partir, e deixei a Coreb inquieto, e perturbado.

No dia seguinte tornei, como de ordinario, para o monumento; derramei por cima as flores, que acabava de colher, e levantei os meus rogos aos Deoses da Noite, sem que ninguem me viesse embaraçar; e nos mais dias prosegui. Occultamente me comprazia de não vêr a Coreb; e esta me lisonjeava que a minha narraçãõ tinha extinguido o seu amor. Neste tempo começavaõ os meus Amos a dar-me occupações novas; chamando-me para o interior da casa, e nos jardins ficou em meu lugar outra Escrava. Eu os

não deixei sem pezar, e receando
 fosse descoberto o retiro, onde
 eu hia honrar as tuas cinzas;
 mas a sorte afferrada sempre em
 meu alcance continuava a perse-
 guir-me, e me preparava maio-
 res desditas. Forbas convidou
 entãõ os seus Amigos para hum
 magnifico festim. E quando eu
 com as outras Escravas nos oc-
 cupavamos no seu apresto, hum
 dos Convidados conheceo pela
 minha voz que eu era Estran-
 geira, e me perguntou aonde
 era a minha Patria. Eu lhe res-
 pondi que era Atheniense, e
 que sendo livre em outro tem-
 po, fôra trazida á escravidãõ
 por huma enfiada de desgraças.
 Quando eu proferia estas pala-
 vras, vi que os seus olhos co-
 lericos chameavaõ; eu fiquei a

tremer, e o furioso vai a Forbas, e lhe diz: «Temerario, como póde huma Escrava nascida entre Gente ímpia achar abrigo em tua casa? Já esqueceste as razões, que tem Creta de gemer só ao ouvir o nome de hum Atheniense? Não sabes que esta Gente pérfida deo covardemente a morte ao generoso Androgeo, que rompeo a paz, que o Rei tinha concedido depois deste attentado; que elles matárao o Minotauro, e que em fim Minos indignado quer que os seus vassallos tomem parte no seu resentimento, e dem indistinctamente a morte a todos os Athenienses, que cahirem nas suas mãos?

De repente me entrega já esta Escrava, senão vou denun-

ciar ao Rei o teu crime, e a tua audacia. « Sábio Licophronte, disse Forbas, Jupiter bem conhece o meu coração, eu ignorava o que agora nos faz saber a confissão desta Escrava; eu julgava que ella tinha nascido na Ilha de Naxos, e assim me tinhaõ assegurado os Mercadores, que ma vendêraõ; mas se ella nasceo em hum clima odioso, eu me não opponho á vossa justa cólera, e vo-la entrego ás vossas mãos: o Principe de Creta vos era estimado; vós tinheis educado a sua infancia, e o vosso rancor he legitimo. »

Escuta-me, oh Deosa da vingança, dizia Licophronte, eu só peço o tempo necessario para purificar esta victima ímpia, e juro que irei bem de-

pressa sacrificá-la na sepultura do meu caro Androgeo.

Neste momento as outras Escravas minhas companheiras, tornando-se em meus algozes, me arrastáraõ para a casa de Licophronte. Ah ! Meu caro Polydoro ! Quanto insofrida esperava a tua Amante o golpe, que a ti devia leva-la ! Eu olhava a morte como termo dos meus males, e ella já vinha tardia para a vontade dos meus desejos. »

A este tempo se preparavaõ as ceremonias da expiaçaõ ; porque na Corte dos Cretenses o ultrage se junta á crueza ; naõ contente de immolar todos os Athenienses ás sombras de Androgeo, ainda para mais os tem como victimas impuras, cujas manchas deviaõ lavar-se com

aguas lústraes. Quando os preparativos se findáraõ, me vierão buscar ao sitio, onde me tinhaõ fechado. No mesmo instante me levaõ á Sepultura de Androgeo. O Povo corria para este espectáculo, e todos os Habitantes de Gososse vinhaõ sabindo da Cidade para assistirem a elle. Fui-me avisinhando ao Altar; o Sacerdote se arma do fogo Sagrado; o mesmo Licophronte pega de hum punhal, e neste instante hum passmoso tumulto perturbava o sacrificio; Licophronte vai vêr, e ao mesmo tempo multidaõ de gente armada cahe sobre os Sacrificadores; pegáraõ em mim; arreda-se a Multidaõ, e dous dos meus Libertadores me levaõ correndo á praia do mar.

De repente me necessitaõ a subir a hum navio, que os esperava com a ancõra levada; cortã-se as amarras, e do mar largo eu via o Povo, que na praia levantava ao Ceo gritos inuteis. Attonita, e estupefacta, ainda ignorava a quem eu devia este beneficio, quando avistei a Coreb. « Bella Caritè, me diz elle, este he o instante, sem que os destinos olhaõ favoravelmente para mim; dispõe da minha sorte, vê para onde queres dirigir os teus passos, e só reu compensa, que o meu coração te pede, he poder lá conduzirte. Naõ temas os transportes de hum Amor desgraçado; o meu respeito já ha muito que me condemnou ao silencio. » Generosissimo Coreb, elle disse

eu então, accredita pelo menos que o reconhecimento he hum sentimento, que nada custa ao meu coração: mas qual será agora a tua sorte? Atreves-te a apparecer em Creta depois deste desgraçado comportamento? Não olhes para as consequências do meu destino, me diz elle; os Amigos, que me tem prestado os seus soccorros, não me abandonarão. Mas que! Podes tu lamentar-me, e por ventura não he assás doce a minha sorte? Eu te salvei a vida, e não tenho mais que temer, já agora eu desafio a cólera dos Deoses. Então eu pedi a Correb que me levasse ás praias de Athenas. Eu hia esperar ao pé de minha Mãe o fim de huma vida desgraçada, quando huma

violenta borrasca, mais brava do que aquella, que nos tinha separado alguns mezes antes, deo com o nosso navio nas Costas do Epidauro. Coreb, o unico, que escapou do naufragio, me tirou deste perigo; elle me agarrou pelos vestidos, e me arrastou para a borda da praia. Já era a segunda vez que a sua afouteza tinha salvado os meus dias. Confesso-te, meu caro Polydoro, que bem a meu pezar eu olhava para Coreb, e me enjoava de ter recebido estes beneficios de outrem, e não de ti; tantas obrigações me carregavaõ já, e para ti só eu invejava a felicidade, que elle teve de me livrar da morte. Todavia quantos mais eraõ os bedeficios, que o generoso Coreb me tinha feito,

menos elle cuidava em pedir-me a paga. Nós tínhamos ficado ambos em huma aldêa vizinha da praia, e os Pescadores, que a habitavaõ, nos tinhaõ dado os soccorros, de que careciamos. Coreb notava bem a inacçaõ, em que eu me achava. Hum dia me disse elle: Tu ainda estás bem longe de conhecer-me, e eu bem conheço donde vem o teu recato; não duvides que eu o não tivesse já terminado, se o meu soccorro te não fosse necessario em hum clima estranho: logo que eu te puzer nos braços de tua Mãi, para sempre me afastarei de ti, e te livrarei de hum aspecto, que te incommóda. Não tentes arredar-me deste projecto; porque talvez assentes que este he

o teu dever; mas eu me retiro para te poupar a resposta, e se ainda és sensível á minha uniaõ, não me falles mais, quando eu apparecer na tua presença, »

Com effeito elle sahio para fóra, e desde entaõ sempre fugio de se encontrar só comigo. Algum tempo depois nós partimos para Epidauró; hiamos alli procurar meio de nos passarmos promptamente a Corintho, para dahi passar á Attica. Na entrada do bosque nos encontrámos com o Sábio Men-thei, que nos ensinou o caminho; porém logo o Gigante Sinnis fez morrer a Coreb pelo modo mais cruel; eu vi expirar o meu libertador, sem lhe poder prestar outros soccorros mais do que as minhas lagri-

mas. Elle morreo, meu caro Polydoro; minhas fracas mãos erguêraõ hum monumento ás suas cinzas, e aos lamentosos Manes de Coreb. Estes lugares se me tornáraõ mui prezados para os abandonar, e antes eu quizera aqui ficar até o ultimo instante da minha vida. « Carite findou a sua narraçaõ tantas vezes interrompida com as lagrimas de Polydoro. E por illusaõ muito sensivel a hum coração terno, elle se receava das desgraças de sua Esposa, ainda que a tivesse apertada nos braços. O cruel Licofronte o accendia em cólera; afigurava-se-lhe este barbaro erguendo o ferro sobre Carite, e quando ao depois se acordava da sua injustiça, e crueza, o tinha por mil vezes

mais culpado. Mas a sorte de Coreb tinha tocado o seu coração ; Polydoro chorava sobre elle , e Carite enxugava estas lagrimas derramadas por hum rival.

L I V R O I V .

Quando a amavel Carite findava o seu discurso , Polydoro começou o seu , que ella escutava com ancia. Ora em voz alta agradecia ao virtuoso Nausiocrates , e ora em hum sorriso exprobrava a Polydoro as suspeitas , que tinha tido. A attenção , que ambos davaõ ás suas aventuras , os naõ deixou ad-

-vertir que o Velho Menthei des-
 maiara quebrantado pela idade,
 e vivamente tocado de hum es-
 pectaculo tao tocante; de sôr-
 te que já quasi estava sem vi-
 da. Carite foi a primeira, que
 o vio. Ah! Que he isto? gri-
 tou ella, hum instante tao cheio
 de encantos poderá ser enve-
 nonado com desgraças novas?
 Eu reconheço os Deoses, el-
 les sempre são crueis: sim; os
 beneficios, que elles me tem
 dado, só tem servido de pre-
 cursores dos seus golpes. Oh
 meu Pai! Oh Menthei! Não
 ouvés os gritos de tua Filha?
 Polydoro se apressava em soc-
 corre-lo. A final tornou a si;
 mas tentava em vão recolher-se
 a casa, se Polydoro, e Carite
 o não ajudassem a andar. A sua

familia já assustada com a tardança se tinha derramado pelo Campo, e o procurava com impaciencia; mas cresceo a inquietação ao vello chegar. Chorando se lançavaõ a seus pés; beijavaõ suas trémulas mãos, esguiaõ os olhos ao Ceo, e accusavaõ o seu rigor. Menthei suspendeo estas palavras, que ultrajavaõ a magestade dos Deoses; e chamou os seus Filhos para abraçar a todos. Todavia estavaõ para fenecer os dias de Menthei; eraõ inuteis os socorros, e Carive disse a Polydoro: « O Deos, que nestas plagas se adora, he Esculapio, Filho de Apollo, e de Coronis; foi creado pelo Sábio Chiron, e aprendeo com este Centauro o conhecimento das pla-

tas ; hoje o adora a Grecia pelo Deos da Medicina ; a elle he que nós devemos dirigir-nos para alcançar de sua bondade propicia a saude do Sábio Menthei ; vamos ao seu Templo abraçar a sua Estatua , a offertar-lhe dous puros corações , que he só a offerenda verdadeiramente digna dos Deoses. « Oxalá que o Deos do Epidauro , dizia Polydoro , escute os nossos votos : vamos fazer a Menthei hum dever , que merece a sua piedade , e que elle deve esperar da nossa gratidão. Então ambos se puzeram a caminho , e foram para o Templo de Esculapio.

Este Templo he hum dos mais famosos da Grecia ; o concurso da gente , que alli vai

faz ainda mais celebrado, que o de Apollo em Delfos, ou o de Jupiter em Olympia. Hum Coro alternado de Moços, e Donzellas, alli repetem incessantes hymnos em obsequio á Divindade; hum grande número de Sacerdotes, e Sacerdotizas está no interior do Templo, e he taõ vasto o seu recinto, que serve tambem de abrigo aos que para alli se vaõ refugiar, porque os Templos dos nossos Deoses saõ moradas seguras em toda a Grecia: e aquelles, a quem o crime, ou a injustiça expelle da sua Patria, encontram nestes lugares sagrados o descanso, que lhes nega o mundo.

Quando os dous Amantes chegáraõ ao Templo, foraõ ter

com o grande Sacerdote, e lhe deraõ parte dos seus votos. Naõ he, dizia Carite, por hum inimigo dos Deoses que nós vimos implorar a sua justiça. Ah! Os Deoses, e a virtude naõ tem mais fiel adorador. No Epidaurro he bem notoria a sabedoria de Menthei, e por elle he que vimos offerecer nossos corações ao Deos destes Paizes.

Em quanto isto se dizia, o grande Sacerdote reparava em Carite, e o veneno do amor lhe lavrava até o peito. He de saber que o grande Sacerdote de Esculapio he o mais poderoso Cidadão do Epidaurro; elle manda com imperio no interior do Templo; e o grande número dos que o habitaõ, fórma no estado hum partido considera-

vel que o serve a seu sabor. Este Homem andava fero, e vaõ com o seu poder : e sua alma andava continuamente submettida ás paixões mais vehementes; bem longe de se-fazer compadecida com a visinhança de hum Deos, sómente respirava orgulho, e furor. Nem taõ pouco se lhe pôde abrandar com o Amor, que só ardido, e feroz no peito se debuxava. Apenas elle vio Carite, Polydoro o accendia em cólera; resolveo de o perder, mas como a simulação nelle igualava a crueza, facilmente soube esconder seus desatinos.

Começou o sacrificio: Polydoro, e Carite derramando lagrimas, se prostravaõ ao pé da Estatua, e pediaõ fervorosos ao

Deos pela saude do virtuoso Menthei. Neste instante a Estatua se move, huma serpente sahe do meio do Altar, e se aproxima das expostas libações; dá volta pelos sacrificadores, e logo depois torna a entrar na sua cova. O Povo gritava amotinado que era aquelle o mesmo Deos, que apparecia daquella fórma; todos se apressavaõ em lhe dar graças pelos beneficios, que a sua protecção abonava. Todavia a Estatua se torna a mover outra vez; a terra se parte, e do fundo de suas entranhas sahe huma voz formidavel, que profere estas palavras: « Para longe fuja daqui todo o mortal profano; hum Deos he quem vos falla: Povos do Epidauró, de Esculapio protegi-

dos, prestai attento ouvido; e vós amigos generosos, que aqui viestes, haveis de receber a paga da vossa piedade: Menther ha de viver; os Deoses se interessão pela sua sôrte, e protegem a sua vida. Mas os Destinos, que acordaõ este favor, exigem que a Donzellã Carite se consagre ao serviço dos Altares. Esculapio a escolhe para huma das suas Sacerdotizas. E tu, Polydoro, irás sósinho a ter com o Velho Menthei; Carite já não he tua, que os mesmos Deoses rompem, e desataõ os nós, que vós tinhaõ prendido. Pérfidos, exclama Polydoro, não respeitais a Magestade do Templo, e julgais por tão indigno artificio arrancar-me a vista de quem amo? Não:

quando todos os Deuses juntos viessem dar-me huma ordem tão barbara, antes eu morrêra mil vezes, do que lhes satisfizera. »

A estas palavras os Póvos indignados arrastavaõ a Polydoro, execrando o seu crime, e prendem a Carite, que se esforça por seguillo; o grande Sacerdote faz logo fechar as portas do Templo. Quem poderá exprimir a situação, e a raiva de Polydoro neste momento espantoso! Com a razão offuscada, elle corria furioso pelo recinto interior do Templo, levantando gritos insensatos, e chamando em altas vozes pelo grande Sacerdote, e seus Ministros. As vezes abatido pela dôr violentamente ao chão se arremessava, e outras se assen-

tava nos degrãos do Templo ; contentando-se de chamar para testemunha a justiça do Ceo. Depois destes primeiros accessos de furor, levantando-se corria a toda a parte pelas ruas do Epidauró, relatando a sua desgraça a todos os Cidadãos, com que topava. Os inimigos occultos do grande Sacerdote o favorecião, e compassivos, ou apaixonados lhe promettiaõ de abater hum partido poderoso na proxima assembléa do Povo.

O tempo ainda não era fixado: Polydoro pezaroso, abandonado pelos Deoses, e pelos Homens, perseguido ora de hums, ora de outros, patente aos tiros da sorte, da injustiça, e da ferocidade, não-via já recursos, não os achava, nem os que-

ria; a morte era só quanto elle desejava; porém a morte nunca os desgraçados soccorre, quando elles a appetecem.

Polydoro tinha passado muitos dias nesta situação, quando hum successo imprevisto lhe fez raiar a esperança: hum bo-liço confuso chegava a seus ouvidos, e veio a saber que a Cidade murmurava; vai-se informar, e vio a todos chorando: as Mulheres, os Filhos, os Velhos todos sahiaõ de casa. Polydoro crendo que o Povo se hia juntar, esperava que a final poderia fazer-se escutar, mas quando se apresentou na Praça pública, seus gritos foraõ suffocados pelos da multidão; hum negocio importante não permite que se ouça. O Inimigo vi-

nha já chegando á Cidade, e nunca Epidauro o vira mais formidavel. Os Athenienses perseguidos sempre de Minos, debalde enviáraõ neste anno seus costumados presentes ao Templo de Esculapio ; o Rei de Creta pedio se lhe fechasse a entrada do Porto, e os Athenienses indignados desta affronta, vinhaõ com formidavel armada vingar-se desta injúria.

Polydoro já não deve esperar mais nada da compaixão dos Póvos do Epidauro, o seu interesse pessoal os occupava muito naquelle instante ; mas o Ceo lhe offerece hum recurso no Exercito dos seus Compatriotas. E talvez que elle agora possa livrar Carite por hum esforço da sua coraje ; talvez que

agora se vingue desta Cidade
pérfida, que o privou da sua
Amante. O que pelo menos a-
contecerá he fazer-se digno del-
la pela gloria das suas armas ;
elle parte, sahe da Cidade, e
então se penhorava com formi-
daveis juras em não tornar pa-
ra ella senão com as armas na
mão.

Os seus primeiros cuida-
dos forão ir procurar o fiel Men-
thei. Assim que elle chegou, o
Velho corria a abraça-lo, os Fi-
lhos se lhe lançavaõ aos pés,
como aos do seu Bemfeitor ;
mas quando Menthei admirado
lhe pergunta o que era feito de
Carite, o desgraçado Amante
respondia só com lagrimas. El-
le em fim contou ao Velho as
desgraças, que lhe succediaõ,

a perfidia do grande Sacerdote, o designio, em que elle estava de tomar vingança della, e os meios, de que se queriaõ servir. Menthei o confirma neste projecto; elle promette buscar-lhe huma barca, que possa levalllo á frota dos Athenienses. Correm ambos á praia, e não achão nenhuma. Os Pescadoes, que giravaõ de ordinario por aquellas Costas, amedrontados com a presença dos Inimigos, se tinhaõ retirado para os recantos escondidos, que o mar forma ao longo da Costa, e recevaõ expôr-se ao furor dos Athenienses. Todavia as supplicas de Menthei, cuja virtude e sabedoria se faziaõ respeitadas daquella Gente grosseira, moverão a hum delles, que leyva

a Polydoro: a bordo da inimiga frota.

A vista das primeiras náos, Polydoro sentio huma emoção secreta; a idéa de se vêr no meio de seus Compatriotas o encheo de alegria: elle mesmo se admirava de ter felicidade onde Carite não existia; mas a esperanza de a vêr bem depressa gozar com elle, o consolava, e sustentava nestes mesmos sentimentos. Logo que pôde fazer ouvir a sua voz, gritava, dizendo que era Atheniense, e que desgrças successivas o havião trazido áquellas praias; que elle queria servir no Exercito, e que o conhecimento, que elle tinha do Paiz, talvez fizesse uteis os seus conselhos. Quando elle acabava de dizer estas palavras,

os Athenienses desprendiaõ hum bote para o trazer para bórdo, e o Pescador se tornou para a praia. A singularidade deste successo admirou os Athenienses: Polydoro se lhes fazia suspeito, e persuadidos que elle era hum Espia mandado pelos inimigos, resolvêraõ leva-lo ao Commandante; para isto prendêraõ a Polydoro, e este infeliz torna a achar nos seus Compatriotas os tratamentos, que os Piratas lhe tinhaõ feito.

O General do Exercito Atheniense estava a bórdo da sua não rodeado dos maiores Officiaes da frota, quando trouxeraõ á sua presença o mancebo Polydoro. Abatido com este infortunio o desgraçado cubria a cabeça com a cinta; não

queria já vêr a luz; o dia lhe era odioso: « Responde-me, lhe dizia o Capitão Atheniense, se nasceste na nossa Patria, dize quem he teu Pai?... Que ouço! Exclamou Polydoro, que acentos de voz são estes?... És tu; és tu sem duvida; tu és meu Pai; eu te reconheço, e me lanço a teus pés. « Meu Filho! (volvia Pisistrato) Ah! O meu querido Polydoro!... E o monstro de Creta!... Escapará!... Ah! Sim he este o meu Filho; Athenienses, sim he este, alegrai-vos comigo; eis-aqui o meu Filho, que os Deoses agora me trazem. » Aqui estão justificados os occultos movimentos do meu coração, dizia Polydoro; eu me encontro com meu Pai em hum clima estranho; os meus

males vão findar-se, e eu não tenho já nada que temer, « Os transportes de ambos mal se ouviam com os soluços dos circunstantes ; esta noticia se espalhou por toda a frota : Officiaes, Soldados, e Marinheiros todos vinham tomar parte na alegria do seu Commandante, a quem elles tanto amavam. Apôs estes movimentos Pisistrato se recolheu com seu Filho, e abraçando-o pediu lhe contasse a Historia de seus infortunios. » Oh ! Meu Filho, lhe disse elle depois de ouvir tudo, sejam quaes forem os golpes, que a mão dos Deoses descarregue, nunca desesperes da sua bondade ; os males, que elles dão aos Homens, os dão bem a seu pezar ; e a sua clemencia, e benevolencia são

thesouros inexauriveis: o arrependimento os toca, a desgraça os desarma, e a desesperação os irrita; eu, como tu, fui também alvo patente aos caprichos da fortuna; ella me tinha levantado ao summo apice das honras, e eu vi, sem me illudir, os bens de que me enchia; experimentei depois a sua desgraça, e ainda agora soffro as suas adversidades. A escolha da Patria me pôz á frente dos meus Concidadãos. Egeu tinha morrido, e seu Filho Theseo, cheio de emulação pela gloria dos Heróes, abandonou o Sceptro para caminhar pelas pizadas de Hercules. A Guerra se accendia, e os Povos foram tirar-me das doçuras ao retiro, e eu sacrifiquei o meu descanso. Eis aqui

a minha vida; ella está prestes a finir-se; e o destino tem sinalado os seus momentos com continuas vicissitudes; immovel no meio das tempestades eu sempre tive por mim a virtude, e o soccorro dos Deoses, cujo dever he protegê-la. « Meu Pai, lhe respondeo Polydoro, vós me não fallais na terra Sterope: qual he a sua sorte na vossa ausencia? Deoses! Quantas lagrimas lhe não custaria! » Ah! Meu Filho, tornou Pisistrato, que triste lembrança tu excitas na minha memoria! Sterope já não vive. « Ella não vive? (Exclamou Polydoro com lagrimas.) » Ah! (continua va Pisistrato.) E pensas tu que ella podia sobreviver aos golpes, que lhe aceritárao? O dia, em que roubárao

a Carite dos seus braços, foi o ultimo dos seus dias. A sua sombra felicissima foi juntar-se no Inferno com a sombra de Cherofonte, e as suas cinzas descação confundidas no Sepulchro do marido; não choremos o seu destino; a morte foi para ella o maior de todos os bens. « Ah! Julgai agora dos tormentos, gritava Polydoro, que espedação o meu coração! Eu perdi Carite, e talvez que hum barbaro lhe tenha roubado os dias. » Eu tenho os mesmos receios, diz Pisistrato; mas a mim só cumpre dar-lhe o termo; eu savyrei o teu amor, servindo a minha Patria. Tenho demorado até agora o desembarque das Tropas, esperava por alguns navios esgarrados pela

tempestade; elles já vierão, e já agora em assomando o dia, mando dar sinal de ataque; tu commandarás as Tropas, que devem pôr terra pôr cerco á Cidade, em quanto eu com a frota tento em levar o Porto. »

A noite ainda não havia bem levantado o seu manto, quando Polydoro impaciente foi pedir a seu Pai que ordenasse o desembarque. Pisitrato annuindo a esta supplica lhe applaudio o valor, e ao mesmo tempo lhe dêo para conselheiros deus Sábios, e abalizados Officiaes do Exercito. Cleobulo, e Democede partirão com Polydoro, e logo de manhã se apresentarão as Tropas em boa ordem á vista dos muros de Epidauro. Á sua chegada os Cidadãos assustados

corriaõ ás armas; huma longa paz os tinha posto no ocio, e na indolencia; pouco affeitos aos trabalhos da Guerra elles já se receavaõ dos seus perigos, e fadigas. Polydoro para dar o assalto se aproveita da sua consternação; mas apenas se aproximou das muralhas, estes Povos assustados vaõ depôr as armas á seus pés; abrem-se-lhe as portas; imploraõ a sua clemencia, e Polydoro entra vencedor nesta Cidade, onde ha pouco tinha experimentado a injustiça, e o opprobrio.

A este tempo o grande Sacerdote fechado no interior do Templo não queria abrillo, e se preparava a defende-lo. Minos lhe incumbira de concitar os Róyos de Epidauro para ultra-

jar os Athenienses; elle temia
 a sua cólera, e téntava escapar-
 se á vingança. Polydoro corre
 ao Templo; leva consigo a Cle-
 obulo, em quanto Democede vai
 reduzir o resto da Cidade, e
 fazer abrir a entrada do Porto
 á frota de Pisistrato. O Joven
 Amante chega ás portas do Tem-
 plo, e em vão pertende o gran-
 de Sacerdote resistir aos seus
 esforços; Polydoro se avança,
 e destróe quanto lhe embarga-
 va os passos: Cleobulo o ajua
 dava com os Athenienses, aban-
 tendo quantos ainda querem
 combater. O grande Sacerdote
 em fim succumbe, rende-se a
 Cleobulo, e he logo manietado.
 No mesmo instante desap-
 parece Polydoro; os seus Sol-
 dados em vão o buscavaõ no

recinto do Templo, e Cleobuto medroso começava a suspeitar occultas traições; mas em fim elle apparece com as armas na mão, e attonito, e furioso ergue a sua espada sobre o grande Sacerdote. « Torna-me já Carite, lhe disse elle, senão este ferro irá punir tuas perfidias. » Suspende, lhe disse o grande Sacerdote; eu te juro pelo Deos destes lugares, que nada sei de Carite; roubárao-na no mesmo dia, em que eu ta roubei a ti; e desde então ignoro o seu destino: Esculapio me castigue, se a verdade não falla na minha bocca. » Perjuro, lhe responde Polydoro, tu abusas sempre do respeitavel nome dos Deoses. Recebe o premio dos teus flagícios. »

A estas palavras levanta segunda vez a espada, e no mesmo instante hum dos que se achavaõ no Templo, e que os Athenienses já tinhaõ carregado de prisões, levantou a sua voz, e disse: Oh meu Amigo, oh meu caro Polydoro! He possível que eu te encontre? Polydoro reparando, conheceo que era Straton, aquelle generoso Cretense, que lhe fez vêr Carite, quando já de todo não esperava vêlla. Corre para elle, abraça-o, e lhe desata as prisões. « Nada recêes de Carite, lhe disse Straton, eu fui que a furtei aos transportes do grande Sacerdote. » Ah! Meu Amigo, volvêo Polydoro, que beneficios, e que favores! E como poderei agradecê-los! Mas

abnde está Carite? Que faz?
Vamos vêlla: corramos: tu já
de outra vez a tornaste a meus
braços. »

Ao dizer estas palavras cor-
rem todos juntos. Straton havia
confiado a sorte de Carite a hu-
ma Mulher pobre retirada em
hum escondrijo do Templo oc-
ulto, e desconhecido ao grande
Sacerdote. Carite estava alli en-
cerrada desde o desastroso dia,
em que o seu Amante della foi se-
parado. Então soando a voz de
Polydoro, exclamava Carite : »
He elle !... Oh meu caro Esposo !
E já Polydoro estava nos seus
braços. » Tudo está feito, dizia
elle , os Deoses se cançaraõ já
de perseguir-nos ; a sorte para
sempre nos tem reunido agora. »
Polydoro então relatava á

sua Amante quanto desde a separação lhe acontecêra. A perda de Sterope fazia rebentar a Carite lagrimas copiosas, que Polydoro alimpava, e a presença de hum Amante tão terno pelo menos adoçava a sua dôr. Depois disto sahíraõ todos do Templo para irem ter com Pisistrato; e pelo caminho Polydoro hia perguntando a Straton que acontecimento, ou que infelicidade o tinha arredado do seu Paiz. « A piedade, que me inspirou a tua sorte, lhe respondia Straton, foi só a causa do meu desterro; souberaõ-na os meus Compatriotas, e della me fizéraõ hum crime; perseguíraõ-me, e eu vim abrigar-me neste Templo do seu resentimento; porém ha dous annos que

se aquietárao. No tumulto excitado ha pouco pelos embustes do grande Sacerdote, e pelo justo furor tu reconheci Carilre, e a vi arrancar dos teus braços, e fui bem feliz, quando pude com os meus soccorros conserva-la outra vez.

Dizendo estas palavras, os dois Amantes mostrarao todo o reconhecimento, que deviao a este Amigo generoso. Entre tanto Pisistrato tinha vindo á Cidade, e passava pelo meio dos applausos do Povo, e dos Soldados. Carilre correo adiante delly, e se lhe lançou aos pés; elle a levanta, e chamando-lhe Filha a tomava nos seus braços. Depois virando-se para Polydoro, que tambem jazia a seus pés, lhe disse: «Muito já tem

os Destinos retardado a vossa felicidade, e não demoremos nós mais hum Hymeneo, que os Deoses certamente haõ de abençoar. »

Recresciaõ os vivos, e todos applaudiraõ a proxima uniaõ dos dous Amantes. A estes tempos Pisistrato entrava no Templo. Assim que chega depõs o grande Sacerdote; e chama para seu lugar hum respeitavel Cidadão de Epidauro. Os dous Amantes se aproximaõ do Altar; as alampadas se accendem; decapitaõ-se as victimas, e o grande Sacerdote nomeado por Pisistrato recebe em nome dos Deoses as Juras dos dous Esposos.

Os Athenienses não estiverãõ na Cidade senãõ o tempo

po necessário para celebrar as Festas do Hymeneo. Pisistrato exigindo dos Habitantes do Epidauru huma satisfação proporcionada á injúria, que Athenas havia recebido, dispôz tudo para voltar á Patria.

Antes de partirem foraõ os dous Amantes a casa do Velho Menthei, a quem enchêraõ de presentes; e no mesmo dia acompanhados de hum cortejo numeroso, offerecêraõ hum sacrificio sobre o Sepulchro de Coreb. Satisfeitos estes deveres, se foraõ com o fiel Straton para o navio de Pisistrato, e a frota se pôz á vela. Pisistrato foi recebido em Athenas como vingador da Patria; mas este Cidadão generoso foi-se outra vez metter no seu retiro; amando

mais a vida obscura, e privada,
 do que os applausos dos seus
 Compatriotas : os Filhos o a-
 companháraõ. Carite assim que
 chegou, foi á Sepultura de Ste-
 rope, e Cherofonte derramar
 lagrimas em cima deste monu-
 mento , e fazer ás cinzas de am-
 bos aquellas honras, que lhe dic-
 tavaõ a ternura, e a piedade.
 Passado algum tempo, foi Stra-
 ton rogado por Polydoro a ter
 com Nausicrates, e Themisto
 para os convidar a que viessem
 estabelecer-se na Attica. Stra-
 ton voltou depressa, e os dous
 Velhos vierão com elle; dei-
 xáraõ tudo para vir, e Themis-
 to só trazia a urna, que encet-
 rava as cinzas de seu Filho. Po-
 lydoro os recebeu com transpor-
 tes de ternura, e desde então

fizéram todos huma só familia, e só a morte os separou. Carite, e Polydoro vivéram idade larga; o Ceo abençoava a sua uniaõ; tiveram muitos Filhos, que se abalizáram em talentos, e virtudes, e quando passados tempos atrás da heroica morte de Codro, os Athenienses mudáram a fórma do governo, e confiáram aos Archontes a governança da República, nos Descendentes desta familia respeitavel se escolheu o primeiro destes Magistrados.

F I M.



Caminhos do Romance

Brasil - Séculos XVIII e XIX



Projeto Temático
FAPESP



Título: Carite e Polydoro

Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa

Outras obras em:

www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br